

A CIDADE NA SALA: AULA DE GEOGRAFIA

Gilson Medeiros de Araújo¹
Antônia Neide Costa Santana²

RESUMO

Este artigo é parte e fruto da monografia de conclusão do curso de Geografia. No presente trabalho discutimos o estudo da cidade nas aulas de Geografia, mostrando a necessidade de debatermos, na sala de aula, a realidade das cidades médias e pequenas, já que o livro didático enfatiza as metrópoles. Ousamos apresentar algumas sugestões didático-pedagógicas, como o uso de imagens e da arte, para a compreensão do espaço urbano do aluno, principalmente do habitante dos médios e pequenos centros urbanos. A pesquisa nos revelou a importância do estudo da cidade na disciplina de Geografia e as dificuldades na efetivação dessa prática pedagógica. Mostrou também que a compreensão e transformação do espaço urbano exige do professor e de seus alunos reflexões sobre a cidade em que vivem e que o caminho para essa compreensão deve extrapolar o uso do livro didático. Para isso o professor dispõe de outros recursos metodológicos, como o uso do hino do seu município, por exemplo.

Palavras-chave: Cidade. Aula de Geografia. Música. Livro didático.

RESUMEN

Este artículo hace parte de una investigación que resultó en una monografía de conclusión del curso de Geografía. En el presente trabajo, discutimos el estudio de la ciudad en las clases de Geografía, mostrando la necesidad de debatir, en el aula, la realidad de las medianas y pequeñas ciudades, considerando que en el libro didáctico se enfatiza en general las metrópolis. Osamos presentar sugerencias didáctico-pedagógicas, como la utilización de imágenes y el arte en la comprensión del espacio urbano, principalmente en la comprensión del alumno que habita los medianos y pequeños centros urbanos. Con el análisis de los resultados de la investigación, constatamos la importancia del estudio de la ciudad en la disciplina de Geografía y las dificultades a la hora de hacer efectiva esta práctica pedagógica. Además de ello, concluimos que la comprensión y transformación del espacio urbano exige del maestro y sus alumnos reflexiones sobre la ciudad en que viven y que el camino para esta comprensión debe sobreponerse al uso del libro didáctico. Para ello, el maestro dispone de otros recursos metodológicos, como la utilización del himno de su municipio, solo por dar un ejemplo.

Palabras-clave: Ciudad. Clases de Geografía. Canción. libro didáctico.

¹ Geógrafo. Email: gma75@bol.com.br

² Geógrafa. Professora Ms. do curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. neidesan@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O professor, ao iniciar a discussão sobre cidade, deve ter como referência o espaço de morada dos seus alunos, no caso a cidade onde habitam. No entanto, a discussão não pode preterir o contexto global, com suas múltiplas determinações, onde a mesma se insere, seja grande, média ou pequena. Assim, possibilitará ao aluno condições de reflexão sobre o seu papel como agente construtor do espaço através da análise crítica da realidade que o cerca.

A cidade do livro didático é a metrópole, rica ou pobre, completa ou incompleta. Os médios ou pequenos centros urbanos, malgrado as imprecisões dessas terminologias, ficam quase sempre relegados. E como o professor e o aluno do ensino fundamental e médio se prendem muito ao livro didático, então, torna-se difícil a análise do espaço urbano em que o aluno vive, quando o mesmo não mora nas capitais brasileiras ou regiões metropolitanas. Portanto, é imprescindível a pesquisa e a elaboração de material didático para as cidades de pequeno e médio porte, possibilitando ao discente a leitura da sua própria realidade urbana e não apenas da realidade externa.

Este artigo é parte do segundo e terceiro capítulos da monografia de conclusão de curso do aluno Gilson Medeiros de Araújo (2005) orientada pela professora Antonia Neide Costa Santana, cujo objeto de pesquisa foi o ensino da cidade nas aulas de Geografia.

Procurando compreender a leitura da cidade através do ensino de Geografia, a pesquisa desenvolveu-se nas seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, buscando refletir sobre o conceito de cidade e adquirir um maior conhecimento teórico sobre a questão estudada; aplicação e análise dos questionários; e sugestão de práticas pedagógicas que repensem conceitos e noções de cidade e facilitem a apreensão da realidade urbana dos alunos que moram em pequenos e médios centros.

O URBANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.

(Ludwing Wittgenstein)

Viver na cidade não é um fato novo, pois na Idade Antiga a sociedade já procurava se organizar dentro de um espaço urbano. Desde então, e com ênfase maior para os dias atuais, quando este espaço passou a abrigar o centro de ações e decisões capazes de influenciar os outros espaços, urbanos ou não, seu estudo ganhou importância maior.

Concentrando indústrias e grande massa populacional, a cidade atrai para si não só o poder econômico como o político. [...] A cidade ganha maior influência sobre o campo, tornando-se a expressão espacial mais importante do sistema de produção capitalista. E assume papel dinâmico na produção do espaço tanto nacional quanto internacional. (CARLOS, 1997, p. 47).

Veja que se é na cidade onde tudo acontece, onde as decisões são tomadas, nada mais urgente do que compreender bem este espaço, vendo também o que há por trás do que nos salta aos olhos, do visível imediato, percebendo as interações dos fatos, as entradas para possíveis atuações na tentativa de compreendê-la, moldando-a, adaptando-a, para que nela (cidade) todos possam se desenvolver como cidadãos – e isso abarca o pleno usufruto de seus direitos, bem como o cumprimento de seus deveres.

[...] Cidadão é aquele que exerce seu direito a ter direito de, inclusive, criar novos direitos e ampliar outros. É no exercício pleno da cidadania que é possível, então, transformar direitos formais em direitos reais. (CAVALCANTI, 2002, p. 51).

A cidadania se converte então numa conquista constante, acompanhando as transformações que tornam novos os anseios de cada tempo e espaço.

Reafirmar o direito à cidade é uma maneira de contraposição à organização dominante da sociedade atual, que quer se autodenominar “globalizada” [...] A defesa do direito à cidade para todos os seus habitantes parte do entendimento de que a produção de seus espaços é feita com a participação desses habitantes, obedecendo a suas particularidades e diferenças. (CAVALCANTI, 2002, p. 49).

Alcançar a consciência de que o espaço é construído por cada indivíduo que nele habita é etapa imprescindível para que cada um possa se perceber como capaz de efetuar inúmeras transformações em casa, na escola, no lugar onde mora e por meio destes, nos diversos espaços.

Ensinar Geografia é uma forma de contribuirmos para esta percepção e, através dela, encaminhamo-nos para uma efetiva formação de cidadania, pela qual os alunos ganhem maior segurança na busca constante pela realização de mudanças positivas.

No entanto, para alcançar este nível de amadurecimento e partir para a busca e construção do verdadeiro exercício de cidadania, nossos alunos precisam ser despertados, e a Geografia tem aí a importante função de desenvolver a capacidade de observação, comunicação, reflexão e compreensão da realidade na qual o aluno está inserido, despertando-o para assumir a postura crítica que a situação exige.

O objetivo escolar de formação de cidadania é de responsabilidade da escola como um todo, mas à Geografia cabe, mais especificamente, o trabalho com conceitos como os de cidadania e de cidade e a organização do estudo nas escolas com referência a esses temas. (CAVALCANTI, 2002, p. 50).

Porém, muitas mudanças já ocorreram e mais ainda precisa ser alcançado para que a Geografia escolar desenvolva essa sua função de ciência esclarecedora e atuante no trabalho de construção de uma consciência crítica. O despertar almejado não acontecerá enquanto os conteúdos trabalhados em sala estiverem presos ao decorar, ao descrever, distanciados da realidade do educando.

Faz-se necessário, portanto, que juntamente ao conteúdo trabalhado, haja um desenvolvimento intelectual, social e afetivo. O aluno precisa vivenciar os assuntos abordados, pois só assim a aprendizagem tornar-se-á algo significativo, relevante para os seus objetivos. O aluno aprende significativamente apenas aquilo que ele percebe ser importante na manutenção e engrandecimento de seu próprio eu.

O que é imediatamente experimentado não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado. Um choque elétrico, o calor da chama, o gosto bom do figo em caldas e catupiri [...] – aprendizagem imediata. Quanto mais separado da experiência um determinado conteúdo, maiores e mais complicadas as mediações verbais. (ALVES, 1985, p. 40).

Por isso é tão importante repensar sobre o ensino geográfico que se tem, e de forma específica, repensar a abordagem metodológica da cidade nas aulas de Geografia, perante o nosso público-alvo, alunos sedentos de uma instigação maior que lhes direcione para o romper das limitações crítico-sociais.

Dentro do estudo da cidade, o professor de Geografia precisa abordar e alcançar de si próprio e dos alunos respostas para questões como as seguintes: como e com quais conteúdos a cidade educa seus habitantes? quais as formas de comportamento das pessoas nas cidades? dentro do que já aprendeu em Geografia, o que o aluno pode aplicar na cidade em que mora? que conceito de cidade ele adquiriu após estudar o assunto?

O aluno, entendendo o que vem a ser cidade, alcança uma nova formação e adquire nova postura ou novas atitudes comportamentais, abrindo espaço em busca de direitos seus e dos ou-

tros habitantes, já que a produção do espaço é feita por todos, com respeito às particularidades e diferenças de cada um. O importante é construir uma cidade democrática, garantindo os direitos de usufruto da cidade por todos os moradores.

Cabe à escola e à Geografia, mais especificamente, discutir os conceitos de cidadania e cidade, ambos caminhando juntos, tendo como ponto inicial a visão de que a cidade não é apenas aglomeração de pessoas, mas um espaço de vivência construído por elas mesmas, organizando suas vidas.

O aluno aprenderá que viver na cidade é bem mais do que morar; é morar com dignidade, é usufruir da área de lazer, ter seus direitos obtidos e respeitados, é discutir as contradições entre as necessidades do cidadão e as do capital que interfere no espaço urbano, na maioria das vezes para seu usufruto. Entender em primeiro lugar que a cidade é a sua morada, o seu abrigo, onde ele vai produzir o seu dia-a-dia com sua família, seu trabalho e a sociedade, onde ele vai criar sua concepção de cidadania para a vida urbana. Nesse momento a cidade vai ser o referencial de vida e costumes para a vida inteira.

Alcançar este patamar de entendimento, porém, não é tarefa fácil, pelo menos não com a estrutura de ensino de que nossas escolas ainda dispõem. Romper com o tradicional, onde muitos de nossos docentes ainda o vêem como essencial, para se chegar ao verdadeiro aprendizado não é ação que se faça da noite para o dia. É, sim, um trabalho processual, lento, cujo retorno exige tempo para se mostrar; todavia, quando esses resultados se apresentam, trazem consigo a sensação maravilhosa de compensação para os que tiveram a paciência e a ousadia de tentar.

Praticando um pouco mais esta discussão, apresentaremos o estudo de observação e análise que desenvolvemos em três escolas públicas de Sobral: Centro Educacional de Referência Prefeito José Euclides Ferreira Gomes Junior – CERE, Colégio Liceu de Sobral Dom Walfrido Teixeira Vieira e Escola de Ensino Fundamental e Médio Ministro Jarbas Passarinho, para elaboração do trabalho monográfico de conclusão do curso de Geografia, no período de junho de 2004, que nos subsidiou a produção deste artigo. Em cada escola analisada aplicamos entre os professores de Geografia um questionário com 19 perguntas abertas, assistimos a algumas aulas de Geografia, conversamos informalmente com esses professores e tivemos acesso ao material didático utilizado pelos mesmos.

Porém, antes de analisarmos os questionários, veremos um breve resumo histórico sobre cada uma das escolas, cujas informações foram obtidas nas respectivas secretarias.

A Escola de Ensino Médio Ministro Jarbas Passarinho foi criada em 1991, funcionando no mesmo espaço físico da Escola de Ensino Fundamental Ministro Jarbas Passarinho. Atualmente funciona nos três turnos, com 21 turmas, totalizando 2019 alunos provenientes dos bairros Terrenos Novos, Vila União, Cohab III, Cachoeiro e Junco.

Dentre as demais informações contidas no histórico da Escola, animou-nos muito perceber que em meio às propostas pedagógicas estava inserido o direito à cidadania e a preocupação em formar cidadãos politizados e conscientes. Observando o ambiente escolar, percebemos que esta proposta não se reveste só de teoria, mas revela uma prática. Não que este nível educacional já seja uma realidade, mas que há um esforço contínuo do corpo docente para se aproximar deste propósito. Com um corpo docente coeso e direcionado para um mesmo norte é mais fácil caminhar e superar as possíveis dificuldades.

A segunda escola analisada foi o Colégio Liceu de Sobral Dom Walfrido Teixeira Vieira, inaugurado no dia 22 de março de 2002. Conta atualmente com 820 alunos, distribuídos em 28 turmas do Ensino Médio.

Com apenas três anos de funcionamento, esta escola também se mostra voltada para a formação de cidadãos críticos, como percebemos na missão apresentada em seu histórico: “O propósito de assegurar um ensino de qualidade garantindo o acesso e a permanência na escola, formando cidadãos críticos capazes de agir na transformação da sociedade”.

Sabendo-se que a sociedade atual é predominantemente urbana, o estudo da cidade também se inclui nesta missão, pois, para transformar é preciso antes conhecer, e ainda ter consciência da necessidade de mudança.

A terceira escola que nos serviu de amostragem tem como nome oficial CERE – Centro Educacional de Referência Prefeito José Euclides Ferreira Gomes Junior, mas popularmente é conhecida apenas por CIRÃO. Tal denominação deve-se ao fato de a Escola ter sido construída no mandato do então governador do Estado Ciro Ferreira Gomes, para homenagear seu pai, José Euclides.

Foi fundada em 5 de julho de 1994 e funciona nos três turnos, com Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Cursos Supletivos Fundamental II e Médio, com mais de 2.000 alunos matriculados.

De uma forma geral, a percepção que tivemos, a partir da análise dos questionários, não é a mais animadora. Lamentavelmente nossos docentes ainda apegam-se a um ensino “conteudista”, onde aprender sobre a cidade parece ser mais um fim e não um meio de compreendê-la, construindo-a para um viver mais justo e igualitário. As escolas pesquisadas têm muito a conquistar para conseguir atingir os objetivos e metas a que se propõem.

O professor, após o conteúdo estudado, não deve esperar do aluno apenas que ele saiba diferenciar subdesenvolvimento de desenvolvimento, por exemplo, pois essa diferenciação o aluno já o faz no seu dia-a-dia, muitas vezes sentindo na própria pele. Precisamos aspirar por mais, alçar vãos longos, mesmo que o objetivo pareça distante, inalcançável.

Porém é necessário nos atentarmos para as condições de vida e a formação profissional desse docente. Muitas vezes não é por falta de vontade que ele não sai à busca do aparente inatingível; as condições materiais de trabalho – salários baixos, o excesso da carga horária em sala de aula, falta de infra-estrutura na escola, ausência de qualificação profissional – impedem, muitas vezes, a realização de um trabalho mais consistente, voltado para a formação crítica do educando.

Aplicamos oito questionários entre os oito docentes que ensinam Geografia, assim distribuídos por escolas: 2 do Colégio Liceu de Sobral, 3 do Colégio Jarbas Passarinho e 3 do Cirão.

Quando indagamos na primeira questão sobre a formação desses professores, constatamos que dos 8 entrevistados, só 1 é formado em Geografia. Os demais são formados em áreas afins, como História, Estudos Sociais e Sociologia.

Essas respostas nos apontam para outros questionamentos, por exemplo, por que as escolas continuam lotando os professores fora da sua área de formação? Por que os professores aceitam tal situação?

Embora haja afinidade com a Geografia, cada uma dessas ciências tem o seu próprio viés, sua linha de trabalho e pesquisa. O ideal é que um profissional licenciado em Geografia ministre as aulas desta disciplina, assim como o historiador deve lecionar História e o sociólogo, Sociologia.

Não se trata aqui de desmerecer o trabalho de um historiador, por exemplo, no ensino de Geografia. Sabemos que pode acontecer de ele se revelar na disciplina, mas para isso é preciso contar com a sorte, o acaso, o inesperado, e quando o assunto é a formação de gerações não é de bom senso contar apenas com tais fatores.

Quanto ao uso e escolha do livro didático, assunto abordado na segunda e terceira questões, respectivamente, todos os entrevistados afirmaram utilizá-lo, sendo que o mesmo é escolhido, na maioria das vezes, com a participação dos professores. Apenas um professor afirmou que a seleção do livro ficou a critério da escola. Uma leitura clara, objetiva e de fácil entendimento para os alunos, bem como a atualização dos dados neles contidos foram as justificativas mais comuns entre os entrevistados quanto aos critérios de escolha do livro.

Um critério não mencionado pelos professores, mas de fundamental importância, é a apreensão do real na sua totalidade. Conquistar o direito de exercer cidadania, hoje, exige-nos a compreensão do mundo que nos cerca, e mais que isso, exige o desejo de alcançar esse direito. Ele é concebido com maior clareza pelos que despertaram que o global se compõe de locais e que a mudança de cada lugar vai, por sua vez, depender dos indivíduos que o compõem. Assim a ação de cada ser, juntamente com a de outros, tem grande poder de mudança, abrangendo as diversas escalas geográficas. Portanto, há necessidade da interdisciplinaridade e da interrelação entre os conteúdos.

Quando, na quinta questão, indagamos quais os aspectos da cidade que os autores abordam, percebemos pelas respostas que os autores passam por problemas urbanos de países desenvolvidos e subdesenvolvidos, abordando os aspectos físicos, econômicos, culturais, humanos e sociais. Neste momento percebemos também que a formação do docente influenciou consideravelmente as respostas, pois o olhar da professora formada em História foi direcionado para a formação cronológica da cidade. Vejamos: “O autor aborda problemas urbanos desde a cidade na antiguidade até as cidades da idade contemporânea, como crescimento populacional, moradia nas grandes cidades, planejamento urbano etc.”

Indagamos na sexta questão se o livro didático escolhido analisa apenas as metrópoles ou se ele inclui as cidades médias e pequenas e obtivemos respostas bastante curtas, como, por exemplo: “De modo geral, todas elas.” e “Algumas vezes, menciona as médias.”

Este não seria o momento em que os professores deveriam mostrar-se preocupados com o fato de o livro didático não contemplar a realidade de pequenos espaços urbanos, ao invés de privilegiar apenas os grandes centros? Detendo-se apenas nas metrópoles, o livro didático não contribui para que o professor traga a realidade da sua cidade para a sala de aula, analisando, por exemplo, o papel do lugar em que moram dentro do mundo globalizado, mostrando aos alunos a diferenciação de infra-estrutura entre as cidades e bairros ou como o espaço natural se transforma em um espaço artificializado.

O professor, ao abordar o tema da cidade com seus alunos, deve trazer o assunto para a realidade deles, mostrando a cidade onde moram como ponto principal, com suas diferenciações de infra-estrutura nos bairros, conforme as relações sociais existentes. Assim, estará sendo capaz de levar o aluno a pensar sobre o seu papel como agente de construção do espaço através da análise crítica da realidade que o cerca. Conforme Cavalcanti (2002, p. 55), “A produção da cidade refere-se à produção da vida cotidiana das pessoas que nela vivem e atuam”.

Ao perguntarmos, na sétima questão, se o autor define o que vem a ser cidade, alguns dos entrevistados limitaram as respostas dizendo apenas, sim ou não. A compreensão e reflexão sobre o conceito de cidade nos leva a várias direções, direções estas que indicam as suas implicações com os aspectos físicos, econômicos, sociais, políticos e culturais, conforme as formulações teóricas dadas, também, pela ciência geográfica.

Entendemos também que a cidade, em seu conjunto, envolve um processo de reprodução espacial, envolve uma sociedade hierarquizada, dividida em classes, produzindo de forma socializada para consumidores elitizados. A cidade aparece como um produto apropriado desigualmente pelos cidadãos,

[...] estabelece-se uma demanda crescente, sem poder de compra e sem alternativas para realizar o intento de morar. Geram-se conflitos e contradições. Criam-se espaços diferenciados em constante movimento, modernizando-se e deteriorando-se, concomitantemente. (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p.51).

Na oitava questão indagamos como o autor aborda o conceito de cidade e percebemos, novamente, a influência da formação do professor na resposta dada, pois a tendência é aproximar o assunto para sua área. Isso parece ser inconsciente, mas o docente vai expor na sua percepção aspectos da sua formação, da qual ele não pode e talvez nem queira fugir: “Mostrando a evolução da cidade na Antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna; a urbanização nos países desenvolvidos e nos subdesenvolvidos.”

Percebemos também nas respostas dadas o uso ainda freqüente de uma Geografia tradicional, que estuda separadamente os aspectos físicos e os econômicos, como nos mostra a nona questão, referente à seqüência dos capítulos e distribuição dos conteúdos no livro didático: “O capítulo anterior mostra os aspectos físicos e o posterior mostra os aspectos econômicos”.

A cidade deve ser apreendida na sua totalidade; assim como o bairro não está isolado da cidade, esta não está isolada do mundo. Alcançar a consciência de que o espaço é construído por cada indivíduo que nele habita é etapa imprescindível para que cada um possa se perceber como capaz de efetuar inúmeras transformações em casa, na escola, no lugar onde mora, e por meio destes, nos diversos espaços. Lefèbvre (1991) conceitua a ligação entre a cidade e a escola como

um livro escrito que precisa ser decifrado por seus cidadãos, e a escola tem um papel importante nesse sentido.

Cientes de que, para que haja uma aprendizagem significativa, precisamos recorrer a vários caminhos, indagamos, na décima questão, sobre quais outros recursos didáticos o professor utiliza para a compreensão da cidade. Os meios apontados foram: textos complementares, vídeos, livros sobre Sobral, mapas da cidade, artigos geográficos e pesquisa de campo.

Dentre estes destacamos os que recorrem ao próprio espaço de vivência para enriquecer o conteúdo. Ao falarmos de cidade, nada melhor do que utilizar a própria cidade sobralense, já que é nela que a escola, os professores e os alunos estão inseridos.

A aula de campo é imprescindível, pois, embora duplique o trabalho do docente, também dobra o aproveitamento do aluno, o que serve de gratificação para a coragem de ousar fazê-la. Porém, quando na 11ª questão indagamos se o professor usa este recurso, só um dos entrevistados respondeu afirmativamente. É importante ressaltar que as escolas públicas não dispõem de infra-estrutura para sair das adjacências da escola. O fato de apenas um docente ter realizado esse tipo de aula inviabilizou as respostas da 12ª e da 13ª questões, que procuravam saber o principal objetivo do professor ao realizar a aula de campo, bem como quais as habilidades a serem adquiridas.

Sobre os PCNs e suas recomendações para o estudo da cidade, assunto abordado na 14ª e 15ª questões, percebemos um certo desconhecimento por parte dos docentes, já que prevaleceram as respostas em branco – poucos responderam as questões. Os que responderam afirmaram concordar com as orientações sugeridas.

No tocante à 16ª questão, todos os entrevistados defenderam que a carga horária da disciplina de Geografia – 2h/aula semanais – mostra-se insuficiente para o desenvolvimento dos conteúdos e defendem: “É necessário mais tempo para se conhecer, debater, e aprender”.

Indagamos na 17ª questão: Quando você acha que está falando de cidade? Alguns limitaram-se aos aspectos que eles mesmos consideram geográficos: “Quando se enfatizam questões como: população, relevo, clima, economia, ou seja, de certa forma toda matéria de Geografia pode-se relacionar ao tema cidade”. Em uma das respostas ao questionário, a ênfase foi dada à Geografia Econômica, como nos mostra uma das professoras: “Creio que quase todos os dias; claro que essa abordagem é intensa quando estamos enfatizando Geografia Econômica.”

Podemos afirmar que todo conteúdo geográfico permite abordagens referentes à questão urbana; afinal, integramos um espaço nacional e mundial com fortes traços de urbanização, porém são necessárias relação e coesão entre os conteúdos. Até mesmo por sermos moradores urbanos, e ainda que não fôssemos, por ser na cidade que muitas decisões são tomadas, este assunto afeta direta ou indiretamente nosso cotidiano e, portanto, referir-nos a ele é referir-nos ao nosso dia-a-dia, seja na matéria de Geografia ou na de Matemática, na escola ou fora dela e no nosso cotidiano a vida não se concretiza de forma fragmentada. Assim, se falamos de cidade quando vivenciamos a Geografia, a cidade já é parte de nosso cotidiano, pois a Geografia está no nosso dia-a-dia.

Na 18ª questão nos referíamos à cidade de Sobral, procurando saber se o professor fala dessa cidade, quais aspectos são abordados e como é feita essa abordagem. Para nosso conforto todos responderam que sim. Os aspectos abordados passam por religião, educação, patrimônio histórico e – veja quão positivo – a necessidade de preservar esses patrimônios. Há quem ressalte: “Sobral vem passando nesses sete anos da atual administração por uma verdadeira transformação do seu espaço, proporcionando aos seus habitantes melhores condições para se viver, sendo saneamento básico a base dessas transformações”.

Sobral, nos últimos dez anos, tem mostrado um crescimento bem acelerado na sua área urbana. Novas ruas, praças, parques urbanos, prédios, lojas comerciais têm transformado a paisagem da cidade. Se pegarmos fotos de dois anos atrás de algumas áreas de nossa cidade, já podemos notar a transformação. E esta tem acontecido não somente na paisagem da cidade, como também no comportamento das pessoas. Esse crescimento tem trazido à cidade um custo ambiental muito elevado, pois a maioria das praças e ruas têm sido construídas sobre o espelho d'água de lagoas e através da canalização e/ou aterramento de riachos.

Como toda cidade do Terceiro Mundo, Sobral reflete as contradições sociais no espaço, como a predominância de bairros pobres e o descaso dos governantes com esses bairros; ausência de arborização; iluminação pública e coleta de lixo deficientes, esgotos a céu aberto e falta de uma infra-estrutura planejada.

Perguntamos na última questão sobre obras científicas e literárias, do conhecimento do docente, que falem sobre Sobral e alegrou-nos a diversidade de obras conhecidas. Foram apontadas as seguintes:

- Sobral, história e vida. Autoras: Glória Giovana Mont'Alverne e Maria Norma Maia Soares;
- Sobral, opulência e tradição. Autor: Nilson Almino de Freitas;
- Sobral, humor e prosa. Autor: Plácido Marinho de Andrade;
- Sobral, reminiscência, humor e saudade. Autor: João Barbosa Cavalcante.

Constatamos no decorrer da pesquisa que devido a uma formação deficiente e à falta de recursos na escola, muitos de nossos professores de Geografia desconhecem meios que direcionem o estudo da cidade para a realidade local, abrangendo a cidade pequena e a média. Verificamos também um forte apego do docente ao conteúdo do livro didático. Por isso ousamos sugerir alguns apontamentos que direcionem o docente para outros recursos metodológicos que venham a enriquecer a temática abordada.

Para complementar esta análise, sugerimos algumas práticas docentes sobre o estudo da cidade, práticas estas que acreditamos serem capazes de fomentar o desencadear de outros caminhos metodológicos entre professores, respeitando as particularidades de cada realidade escolar, para que possamos, enfim, atingir o educando de forma a desenvolver o desejo de busca constante do direito à cidadania.

Reforçamos que o respeito às particularidades de cada realidade escolar é fator indispensável, já que cada ambiente, cada sala, cada aluno possui peculiaridades, fato que exige também especificidades na aplicação de atividades, sejam elas quais forem.

Assim, não existe uma receita pronta para se chegar a um amadurecimento intelectual, pois lidamos com gente e não com coisas, e isso exige uma adaptação constante de metodologias, para que não corramos o risco de transformar nossos alunos em seres “coisificados” e omissos.

Isso não significa, porém, que negaremos o grande valor das experiências docentes em nossa prática. Abrir sozinho um caminho quando já existem outros que levam com êxito ao mesmo ponto é, no mínimo, um desperdício de tempo. Podemos, sim, trilhar pelos mesmos caminhos; o que não é necessário é que se caminhe exatamente igual a todos que por ali passaram, como nos mostra o poeta Thiago de Melo: “Eu não tenho um caminho novo, o que tenho é um novo jeito de caminhar.”

Apontaremos, portanto, apenas uma pequena amostra de práticas e recursos que poderão se reverter em um dos muitos caminhos que nos direcionam ao encontro de uma aprendizagem significativa. Não somos os inovadores dessa prática metodológica, muitos teóricos discutem-na e a utilizam.

SUGESTÕES DE PRÁTICAS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

Corre-corre, agitação
Infinitude de riscos
Dores de indignação
Antes de virar arisco
De se tornar desumano
Enfrentando o caos urbano
Sujeito a sol e chuva.

(Auxiliadora de Medeiros, professora da rede pública de ensino na cidade de Goáiras-CE).

Apontamos como sugestão primeira um recurso que consideramos de grande valia no desempenho de uma significativa aprendizagem geográfica: a aula de campo, indicando alguns dos muitos pontos a serem explorados em Sobral. Ter como fonte de pesquisa e trabalho de campo a cidade de Sobral é dispor de uma fonte bastante rica e dinâmica, pois seu desenvolvimento espacial tem sido rápido e constante.

Podemos lembrar aos nossos alunos, enquanto passamos pelo centro da cidade, que no início do século XIX Sobral tinha somente 19 ruas e hoje temos uma cidade que se divide em inúmeros bairros, praças, um grande centro comercial que já abastece as cidades vizinhas; uma rede de educação e saúde que atrai pessoas de outros municípios e estados diariamente em busca de seus serviços. Ainda no centro e no seu entorno observamos as marcas da escravidão ao vermos a Praça do Teatro São João, a Igreja do Rosário e o pelourinho

Afastando-nos da área central, percebemos que Sobral, não fugindo à regra das cidades pólo, apresenta um crescimento populacional urbano significativo, sendo também claramente percebida a concentração da pobreza nos bairros mais distantes, socialmente e fisicamente periféricos, levando a uma constante expansão dos limites urbanos da cidade.

Vale salientar que simultâneo à aglutinação populacional urbana de Sobral, ocorrem nos municípios circunvizinhos significativas perdas populacionais, mais precisamente nas áreas rurais.

O espaço urbano dos bairros periféricos se apresenta desorganizado, fruto de ações populares em estratégias de sobrevivência e da intervenção do Estado. Os problemas apresentados tendem ao agravamento, uma vez que o meio rural sofre transformações que levam à expulsão do trabalhador rural, sendo a cidade, mais precisamente as periferias, o local encontrado para sobrevivência desses trabalhadores expulsos, agravando ainda mais a ocupação desordenada.

Do Alto do Cristo vemos a cidade espalhar-se na sua horizontalidade, embora o processo de verticalização seja crescente. Essa verticalização não se anuncia como nos grandes centros urbanos; dificilmente os edifícios passam de quatro andares. Vemos também a estação ferroviária e seguimos viagem no tempo, através dos trilhos.

A área de lazer tem se mostrado mais dinâmica; podemos visitar o Centro de Convenções, o Parque da Cidade, o Espelho d'Água, espaços usados para o encontro de amigos, prática de esportes, passeios familiares e onde são realizados shows de diversas categorias da arte. É importante lembrar aos alunos que a construção do Parque da Cidade e do Espelho d'Água trouxeram prejuízos ambientais para a cidade, pois riacho e rio foram aterrados e canalizados para a viabilização dessas edificações; lembrar também que esses equipamentos se localizam em espaços de alto valor imobiliário. Os bairros periféricos são desprovidos desses equipamentos, as praças da periferia são minúsculas e, muitas vezes, sem arborização.

O Corredor Cultural não deve ser esquecido, pois lá passado e presente se encontram, velho e novo se contrapõem e revelam as necessidades do ontem e do hoje. A visita aos bairros pobres e aos bairros ricos é imprescindível. Os contrastes são gritantes e se revelam na paisagem.

O auxílio de fotos ou documentos antigos complementaria a aula de campo, permitindo ao discente uma visita ao passado, fato que possibilita uma compreensão mais ampla do presente. Porém, uma aula deste tipo exige planejamento e uma série de cuidados para que não se transforme em apenas um passeio turístico, o que não é de todo mal, mas foge do objetivo primeiro: a aprendizagem significativa.

A CIDADE NA MÚSICA

O professor poderá trabalhar em sala junto com os seus alunos algumas canções com quais poderá, através das letras, fazer uma reflexão sobre determinados assuntos, devendo começar com o hino de sua cidade.

Para exemplificar, sugerimos seis músicas populares brasileiras que nos levam a uma boa reflexão sobre as cidades e suas complexidades sócio-espaciais. “Sampa”, de Caetano Veloso, “Aquele abraço”, de Gilberto Gil, “Construção” de Chico Buarque, “Cidadão”, de Lúcio Barbosa, “Barracos da Cidade”, com Kid Abelha, e “Lamento sertanejo”, de Gilberto Gil e Dominginhos.

Com a música “Sampa”, de Caetano Veloso, o professor pode ressaltar a vida em uma metrópole, tomando como exemplo a cidade de São Paulo, a primeira metrópole no Brasil e a cidade que, durante décadas, mais recebeu nordestinos oriundos de cidades pequenas, muitas delas do Ceará.

[...] Da dura poesia concreta de tuas esquinas.

Neste trecho o autor fala dos imensos edifícios existentes em São Paulo, onde se concentra um dos maiores centros urbanos econômicos do país, concentrando também a crueza e a frieza da metrópole. Esta ocasião propicia um debate sobre o processo de verticalização nas cidades médias.

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto;
chamei de mau gosto o que vi,
de mau gosto, mau gosto.
É que Narciso acha feio o que não é espelho
e a mente apavora o que ainda não é mesmo velho,
nada do que não era antes quando não somos mutantes.

Nestes versos o cantor mostra o impacto que a metrópole causa nos seus visitantes quando se deparam com a imensidão urbana pela primeira vez, percebendo uma diversidade que não existe igual em nenhuma outra cidade do Brasil. Esse impacto vem sendo amenizado por causa das imagens televisivas que chegam a nossas casas quase diariamente.

E foste um difícil começo,
afasto o que não conheço
e quem vem de outro sonho feliz de cidade
aprende depressa a chamar-te de realidade,
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.

Aqui, Caetano Veloso se lembra do migrante que sai da sua cidade para São Paulo em busca de uma vida melhor, tendo deixado para trás sua terra natal e encarando os primeiros obstáculos de uma metrópole onde sonhos e devaneios se desfazem. Trazendo para a realidade de Sobral, podemos perguntar aos alunos se existem parentes deles que foram embora para São Paulo ou outras cidades e a partir disso aprofundar estudos sobre migração. Atualmente “[...] a quantidade de trabalho intelectual solicitada é enorme [...]” (SANTOS, p. 146, 1996), refletindo em uma nova distribuição populacional pelo território brasileiro: as cidades médias tornaram-se atrantes. Consideramos Sobral como um bom exemplo desse processo. Porém, em relação à “mudança de conteúdo” advogada por Santos na mesma obra, podemos dizer que Sobral e as cidades pequenas do seu entorno ainda são as cidades dos notáveis. Padres, médicos, juizes, reitores, locutores de rádio, vereadores ainda são “personalidades marcantes”.

[...]do povo oprimido nas filas, nas vilas favelas,
da força da grana que ergue e destrói coisas belas,
da feia fumaça que sobe apagando as estrelas [...].

Agora podemos comparar o ritmo de uma metrópole com o de uma cidade pequena, percebendo em São Paulo o corre-corre dos seus habitantes para poder sobreviver, morando em condições precárias. Ao mesmo tempo o autor nos lembra da grande força que o dinheiro tem dentro desta cidade. E termina também fazendo uma relação com o progresso e a poluição.

[...] e os novos baianos passeiam na tua garoa
E novos baianos te podem curtir numa boa.

O autor termina falando sobre sua origem nordestina e baiana e que apesar de toda a realidade existente, São Paulo é uma cidade de sonhos, fantasias, conquistas e de múltiplas raças e povos, onde o brasileiro ainda alimenta a esperança em dias melhores.

Na música “Construção”, de Chico Buarque de Holanda, o professor pode lembrar aos seus alunos sobre o primeiro trabalho de um imigrante quando chega a uma cidade grande, principalmente aquele cidadão que vem do Norte ou Nordeste do país, sem estudo, sem qualificação profissional e praticamente sem ter onde morar.

Subiu a construção como se fosse máquina,
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas,
Tijolo por tijolo num desenho mágico,
Seus olhos embotados de cimento e lágrimas.
Sentou pra descansar como se fosse sábado,
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe [...]

Neste trecho, podemos falar que devido ao crescimento urbano, a construção civil é o tipo de emprego mais fácil que o imigrante consegue assim que chega a essas cidades. E que a saudade de sua terra natal, o seu desenraizamento por encontrar-se em terras estranhas, o fazem chorar. É também o momento para se discutir o comportamento da indústria da construção civil em Sobral. Há presença de grandes construtoras ou até que ponto ela está sendo construída pelos comerciantes locais? Quais os impactos causados pelos especuladores imobiliários?

[...] E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
E agonizou no meio do passeio público.
Morreu na contra mão atrapalhando o tráfego [...].

Aqui Chico Buarque comenta um acidente de trabalho, onde a segurança no serviço, embora seja um trabalho de risco, não existe. E que após este acontecimento trágico, o corpo daquele indivíduo apenas atrapalha o tráfego daquela cidade, enfatizando o anonimato a que são submetidas as pessoas nas cidades grandes.

A música “Cidadão”, composição de Lucio Barbosa, também trata do mesmo trabalhador da construção civil, que teve uma grande contribuição na formação daquele espaço e que infelizmente, por uma questão social, não tem direitos como todo cidadão e que enfim só vai encontrar apoio na igreja.

Na música “Aquele abraço”, de Gilberto Gil, o professor pode seguir ainda o estudo sobre as grandes cidades, agora dando ênfase a uma das cidades mais comentadas no mundo, devido ao turismo e à beleza de sua paisagem urbana: o Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro continua lindo
O Rio de Janeiro continua sendo [...]

Aqui podemos ver que o Rio de Janeiro, além de ser lembrado mundo afora pela sua beleza, infelizmente é identificado pela violência. Mas, apesar de tudo, ele “continua sendo” a cidade maravilhosa! O que há de belo em Sobral, que espaços ou bairros contêm essa beleza e quem se beneficia dela?

Alô, moça da favela, aquele abraço!
Todo mundo da Portela, aquele abraço!
Todo mês de fevereiro aquele passo!
Alô, banda de Ipanema, aquele abraço!

Gilberto Gil agora saúda as pessoas que moram nas favelas, o carnaval, que também faz com que a cidade seja reconhecida e que, na maioria das vezes, ocorre no mês de fevereiro, tra-

zendo muitos turistas, principalmente de outros países. Como o carnaval de Sobral é percebido pelos vários segmentos da população? Quem se sente representado nessa festa?

Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço,
A Bahia já me deu régua e compasso,
Quem sabe de mim eu. Aquele abraço!

Por fim, o cantor lembra sua origem baiana e agradece tudo o que aprendeu à sua cultura e origem, o que remete ao Nordeste e ao conceito de região.

Para encerrarmos a questão da vida na cidade grande, selecionamos mais uma música do cantor Gilberto Gil, “Nos barracos da cidade”, que realmente mostra a vida nos subúrbios.

Nos barracos da cidade
Ninguém mais tem ilusão
No poder da autoridade
De tomar a decisão.
E o poder da autoridade
Se pode, não faz questão
Mas se faz questão, não [...].

Esta parte da música nos mostra o descaso das autoridades em relação à periferia das cidades. E isto vale também para as cidade médias e pequenas.

[...] E o governador promete, promete, promete
Promete, promete
Mas o sistema diz não [...].

Aqui nos lembra que na época de eleição os candidatos usam como motivo a má estrutura nas favelas para se eleger, fazendo falsas promessas aos moradores, já que o próprio sistema não poderá fazer a melhora, pois assim na próxima eleição os candidatos não teriam um plano de governo para se eleger! Este fato também acontece em Sobral? Que obras foram prometidas em seu bairro e quais as que foram realizadas?

Agora vemos uma música de Chico Buarque, “Gente Humilde”, mostrando a simplicidade da vida dos moradores das pequenas cidades. Nesta música ele compara o subúrbio com cidades pequenas, onde a vida simples daqueles moradores, o faz lembrar a cidade onde ele morava.

São casas simples
Com cadeira na calçada
E na fachada
Escrito em cima que é um lar [...].

Aqui nos faz lembrar do costume de pôr as cadeiras nas calçadas. Por não terem opção de lazer, os moradores da cidade pequena têm como diversão ficar na calçada para relaxar de um dia de trabalho e ao mesmo tempo poder ver os amigos, que são os seus vizinhos, criando entre eles uma cumplicidade que não existe nas grandes cidades, onde o medo da violência os impede de fazer atos simples como este.

Agora com a música “Lamento Sertanejo”, de Gilberto Gil, podemos mostrar a dificuldade de uma pessoa que morava no sertão e passa a morar em uma cidade.

Eu quase que não consigo ficar na cidade sem viver contrariado [...].

Na primeira estrofe, mas principalmente nos dois últimos versos, o compositor nos mostra a dificuldade desse cidadão de adaptar-se aos costumes da cidade.

Não gosto de cama mole,

Não sei comer sem torresmo.

Notamos que nem mesmo a comodidade de uma vida mais confortável que a cidade possa oferecer consegue fazê-lo se acostumar ou se adaptar aos novos costumes. Fazendo referência a Sobral, podemos, através da música, nos lembrar dos torresmos que se tornaram tradição no lazer dos sobralenses.

A CIDADE ATRAVÉS DE FOTOS E CARTÕES-POSTAIS

O professor pode também apropriar-se de um ótimo recurso para trabalhar em sala de aula com os seus alunos: um acervo de fotos antigas sobre a cidade. Ele pode fazer uma análise dessas fotos e mostrar que através do tempo e dos costumes da população, aquele espaço urbano foi se modificando.

Com essas fotos o professor pode ressaltar que, principalmente no Nordeste brasileiro, a cidade começa a partir do entorno da igreja matriz e do mercado, onde vai se dar a interação daquela população, e conforme vão se criando as demandas econômicas, políticas e sociais, a cidade vai se expandindo e criando os bairros. Caso não exista ainda uma hierarquia urbana formada, ricos e pobres, neste momento, ocuparão os mesmos espaços, podendo ocorrer, por exemplo, de a casa do político mais influente da cidade encontrar-se vizinha à casa do pedreiro, da costureira ou até mesmo dos seus empregados domésticos.

O professor, juntamente com os alunos, poderá observar o que faz uma vila vir a transformar-se em cidade, ciente de que cada cidade terá sua história e suas particularidades no percurso de seu próprio crescimento. As fotos rendem um ótimo passeio no tempo, e através delas é possível perceber que “na verdade, a construção da cidade, de suas avenidas, de seus becos, de suas periferias e de suas favelas não vem do acaso. Está subordinada ao processo de acumulação e reprodução do capital. (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p.51).

Como já dissemos, cada cidade vai apresentar sua história de emancipação, de conquistas, e seus registros fotográficos e escritos, ainda que não sejam fartos, poderão servir como porta de entrada para uma discussão que direcione docente e discente a uma compreensão mais profunda da realidade atual.

A CIDADE NA INTERNET

Um dos recursos mais bem aceitos hoje pelos alunos, até por ser novidade para muitos, é a Internet. O professor pode usá-la como uma importante ferramenta de trabalho, mas o que acessar neste universo de infinitas possibilidades de opção? Uma sugestão interessante seria fazer algumas pesquisas virtuais da cidade na qual moram, como também das cidades próximas, e fazer um roteiro de bons *sites* que possam aprimorar os conhecimentos do docente e do discente.

O processo de aprendizado sempre esteve ligado às tecnologias disponíveis. Hoje aprendemos, também, pela televisão e pela Internet, sendo esta última a mais completa. Devemos, porém, fomentar discussões, debates, estímulos à leitura e à escrita, para que os alunos adquiram autonomia intelectual, evitando, assim, que os mesmos se transformem em meros copiadotes de *sites* visitados.

A escola deve preparar o educando para que ele possa ter condições de selecionar *o que e para que* estudar, bem como *quanto e quando*. Tal objetivo parece servir como uma luva às atuais diretrizes para a educação, que é a de formar estudantes autônomos, diferenciados e criativos.

Diante de tanta precisão e avanço que essa tecnologia proporciona, é comum depararmos com indagações como as seguintes: Irá a Internet substituir a sala de aula? Até que ponto a presença do docente se faz necessária ao ensino/aprendizagem? Particularmente acreditamos que a Internet não substituirá a sala de aula, e tampouco o professor será substituído por uma máquina de ensinar. Porém um casamento entre o docente e os recursos fornecidos pela Internet renderia uma boa possibilidade de melhoria educacional, visto que a Internet pode ir a lugares onde a sala de aula não chega nem perto: do quarto do aluno dorminhoco ao mais inóspito deserto da superfície terrestre.

Milhares de páginas e *sites* novos são lançados diariamente. Dentre estes, muitos estão ligados diretamente ao ensino e à educação. Pode-se ter acesso a praticamente todo o material do ensino médio e fundamental, “de graça”, pela Internet. Infelizmente, a grande maioria dos *sites* ditos educacionais se limita a longos textos, com uma ou outra figura. Não é este, entretanto, o grande “barato” da Internet. A Internet oferece algo que nenhum livro ou apostila é capaz de oferecer: a interatividade! E são justamente os *sites* interativos que retêm mais o interesse do aluno, e acabam transformando o aprendizado numa brincadeira, num *game*.

O professor deve fazer o projeto de sua aula pela Internet bem antes de levar os alunos para o Centro de Multi-meios, pois, como todas as aulas, esta também tem o seu tempo cronometrado. Ter o endereço dos *sites* que serão pesquisados já será um bom tempo que ganhará para o estudo propriamente dito.

Indicamos aqui alguns *sites* de pequenas e médias cidades do interior do Ceará, que têm ligação com Sobral.

1. Realizações da prefeitura, notícias, secretarias do governo municipal e controle de precipitações de chuvas: www.sobral.ce.gov.br .
2. *Site* oficial da cidade de Cariré. Aqui você vai conhecer mais sobre a cidade. www.webdados.com.br/carire/publica.htm .
3. *Site* da cidade de Ipueiras: a cidade, povo, cultura, etc: www.ipueiras.com .
4. Contas públicas, aspectos turísticos, estrutura do governo: www.vicosadoceara.ce.gov.br .
5. Santana do Acaráu-CE – informações sobre a cidade: www.santanadoacarau.com .

Os *sites* indicados aqui servem apenas como amostra, eles foram selecionados do *site* de busca www.cade.com.br, no qual o professor pode procurar para pesquisar as cidades e os assuntos que lhe interessar.

Jornais, revistas, manuscritos locais, vídeos, músicas, fotografias, desenhos, charges, Internet; enumeraríamos aqui incontáveis fontes que podem despertar no aluno a percepção de que a história de sua cidade é também a sua história, que ele influencia diretamente esse espaço e é também fortemente influenciado por ele, desde sua forma de lazer até ao seu particular modo de expressão – a fala, por exemplo.

Ciente de que há esta recíproca forma de influência e transformação entre cidadão e cidade, não tardará a chegar a compreensão de que entender o espaço cidadão é primordial para uma vida mais plena, na qual se possa aspirar por melhores condições, não visando apenas o particular, mas o bem-estar da coletividade. Afinal, um cidadão sozinho não forma uma cidade. Para que esta exista é fundamental a convivência, e para que seja uma convivência sadia faz-se necessário o conhecimento e a aplicação dos direitos e deveres de cada um. É preciso, portanto, conhecer, aplicar e, caso não exista a aplicação destes direitos e deveres, saber lutar por eles. Eis aí um dos importantes papéis do professor de Geografia: despertar o aluno para a busca constante da cidadania em toda a sua plenitude.

Sabemos que nem de longe esgotamos as possibilidades de inovações sobre o estudo da cidade e nem é este o nosso intento. Tentamos apenas expor o pouco que aprendemos, quer como discente, quer pela nossa pequena experiência como docente, na tentativa de contribuir, entre outros aspectos, para que o aluno da cidade pequena e média possa compreender a sua realidade e contribuir para o crescimento e desenvolvimento de seu espaço de vivência.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem Azevedo. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1985.
- SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 4., 1995, Fortaleza. **Anais**. AGB, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2002.
- CÂMARA, Dom Helder. **Um olhar sobre a cidade**. 6. ed. São Paulo: Civilização brasileira, 1985.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. **A cidade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. **A reprodução do espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. **Espaço e indústria**. São Paulo: Contexto; Edusp, 1998. (Coleção Repensando a Geografia)
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. 2. ed. Goiânia: Alternativa, 2002.
- _____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- GIRÃO, Giovana Saboya Mont'Alverne; CARACRISTI, Isorlanda. **Descobrimo e construindo Sobral: conhecimentos de Geografia e História**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.
- MARIA JÚNIOR, Martha. A busca dos caminhos que desvendam a cidade real. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral, v. 1, n.1, jan/dez. 1999.
- MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clóvis. **Periferia urbana**. São Paulo: Contexto; Edusp, 1999. (Coleção Primeiros Passos)
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- RIBEIRO, Luis César de Queiroz; SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos (Org.) **Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiros na crise**. 2 ed. São Paulo: Nova, 2002.
- REVISTA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA. Deptº de Geografia. Rio de Janeiro: UFF, 1999.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- VESENTINI, José William; VLACH, Vânia. **Geografia crítica: manual do professor**. v.3. São Paulo: Ática, 2004.